

## **EUNICE OU CARTA A UMA JOVEM ACTRIZ / 2021**

*um filme de TIAGO DURÃO*

*Realização, Montagem:* Tiago Durão *Textos:* António Barahona da Fonseca, Eunice Muñoz, Florbela Espanca, Tiago Durão *Fotografia:* Tiago Durão, Frederico Velez *Som:* João Zagar Galvão *Música:* Ludwig van Beethoven (Sonata 14), Vincenzo Bellini (*Casta Diva*), Rui Guedes (acompanhamento ao piano LP Florbela Espanca) *Interpretação ao piano:* Maria João Pires (*Sonata 14 in C-Sharp Minor, Op. 27 nº 2*), Matthias Dobler (*Casta Diva* in Normal, Art. Thalberg, Matthias Dobler) *Arquivo:* RTP *Outro material:* Gonçalo Fabião *Assistência de realização:* Afonso Fontão *Com:* Eunice Muñoz, Lídia Muñoz, Ruy de Carvalho (voz), Luis Miguel Cintra (voz), José Raposo (voz).

*Produção:* Tiago Durão (Portugal, 2021) *Cópia:* DCP, cor, 47 minutos, versão original falada em português *Ante-estreia:* 3 de Outubro de 2021 (Lisboa) *Estreia comercial em Portugal:* 4 de Novembro de 2021.

### **COM A PRESENÇA DE EUNICE MUÑOZ E TIAGO DURÃO**

---

Eunice Muñoz, actriz de teatro e cinema num retrato aos 80 anos de carreira, 93 de vida. Eunice – como é popularmente conhecida em Portugal no rasto dessas décadas de intensidade artística do início dos anos 40 do século XX ao momento contemporâneo, com muito teatro, algum cinema, muita televisão – escolheu celebrá-los assinalando uma última vez nos palcos e a passagem de testemunho. No teatro, *A Margem do Tempo*, uma encenação de Sérgio Moura Afonso a partir do texto de Franz Xaver Kroetz, estreou em Abril passado, em Oeiras, e partiu em digressão dando duas idades à Sra. Rasch interpretada por Eunice Muñoz e Lídia Muñoz. Para o cinema, este *Eunice ou Carta a Uma Jovem Actriz*, realizado por Tiago Durão, assume o encontro das mesmas duas actrizes, avó e neta, num “lugar de memória” (termo-chave do realizador) que tem por centro a casa de Eunice.

Entre duas seqüências à janela do quarto da actriz filmadas a partir do exterior da rua fronteira à casa, *Eunice ou Carta a Uma Jovem Actriz* propõe-se assim como uma manifestação dessa *passagem de testemunho* (expressão de Eunice) captando momentos cúmplices num espaço de intimidade. A imagem de Eunice e Lídia, lado a lado na moldura da janela, abre e fecha o retrato, acentuando o lado familiar que os traços do rosto de ambos transparecem, reenviando para uma ideia de duplo que cabe por inteiro no teatro. A partir do interior da casa (o plano do relógio de parede), a viagem toma o rumo da vida, fixando-se na conversa entre avó e neta de olhos postos num molho de fotografias do álbum pessoal da primeira. Da construção de *Eunice ou Carta a Uma Jovem Actriz* participam a conversa a duas vozes, desfiando memórias; as mesmas protagonistas no trabalho de uma peça (a peça de Kroetz), nos bastidores e camarins de um teatro; imagens documentais fotográficas, capas de revista, filmes de família, registos fonográficos em disco com o seu ruído material; a participação em *off* de Ruy de Carvalho, Luis Miguel Cintra, José Raposo, cujas vozes trazem poemas, entre os quais *Eunice* e *Lidia*, o primeiro deles um canto do poema de 1970 de António Barahona da Fonseca, que foi marido de Eunice e avô de Lídia Muñoz. Uma teia de recordações e afectos, que sobrepõe o presente quotidiano à cronologia da vida pública, uma teia que favorece a dimensão pessoal sem esvair a profissional até porque a passagem de testemunho em causa é criativa. Está no título, *carta a uma jovem actriz*. Em tributo a Eunice.

29 de Novembro de 1941 foi a data de estreia, no teatro, de Eunice Muñoz que então pisou um palco pela primeira vez profissionalmente no Teatro Nacional Dona Maria II, na peça *Vendaval* de Virgínia Vitorino, com a companhia Amélia Rey Colaço / Robles Monteiro. Tinha 13 anos, “era” Isabel e talvez já chamasse mestra a Amélia Rey Colaço. Havia de estudar no Conservatório e interpretaria inúmeras peças, certas vezes em papéis que ficaram impregnados da sua imagem. No cinema, estreiar-se-ia no filme de 1946 de Leitão de Barros, *Camões*, em que interpreta a apaixonada Beatriz (papel pelo qual é distinguida nos prémios atribuídos pelo SNI, no mesmo ano em que casa pela primeira vez e faz uma curta pausa no teatro). No seu *Dicionário do Cinema Português 1895-1961*, Jorge Leitão Ramos nota: “Teve uma actividade intensa no cinema, quando jovem vedeta em ascensão, mas nenhum dos filmes em que entrou nessa época presta justiça à enorme actriz que ali estava. Todavia é bom ver como ela marca a diferença – desde logo no *Camões* [...] onde o seu estilo de representação se destaca da pesada e empolada retórica dominante nos intérpretes do filme. Nos negros anos 50, Eunice Muñoz esteve fora dos filmes e do maioritário descalabro, só voltando a iluminar as telas muito mais tarde.” Na actualização do *Dicionário* (1962-1988), Leitão Ramos releva – e bem – os seus papéis como Dona Estefânia de *Manhã Submersa* (Lauro António, 1979) e a “remordida e caricatural governanta” dos *Tempos Difíceis* (João Botelho, 1987).

Da filmografia constam ainda trabalhos com Henrique Campos, Manuel Guimarães (*O Trigo e o Joio*, 1965), Manoel de Oliveira (*Lisboa Cultural*, 1983) José Nascimento (*Repórter X*, 1985), Paulo Rocha (*O Desejado ou as Montanhas da Lua*, 1987) ou Fernando Lopes (*Matar Saudades*, 1987), mas a sua influência no teatro assume de facto outra medida. Talvez não por acaso. Corre-lhe nas veias “uma dinastia de artistas” formada pelas famílias Cardinali Muñoz e Campos Carmo, pelos lados paterno e materno; toda a infância de Eunice do Carmo Muñoz, nascida em 1928, é passada no teatro, que é o seu ambiente familiar antes de ser a sua casa artística (pisa os palcos desde os cinco anos representando pequenos números musicais, ao lado dos pais, nos teatros desmontáveis em que actuavam por terras alentejanas e ribatejanas; só aos 11 anos de Eunice a família pára em Lisboa). A história foi bem contada e enaltecida quando, em 1991, se contaram os 50 de carreira com iniciativas e homenagens, a edição de *Eunice Muñoz 50 Anos de Vida de uma Actriz pelo Museu do Teatro*, em que se reúnem escritos de próximos e de pares. Ou um texto de Agustina que dita, “Como Brecht, Eunice é cheia de manhas fora de cena: esconde a intensidade do olhar, fecha-se sobre os seus segredos. Como Brecht, Eunice transporta com ela um exílio e apresenta uma charada através da sua intriga pessoal. Mascara-a de anedota chinesa ou escândalo da Inquisição; mas serve-se do palco para ele próprio transpor os seus desertos ameaçados por uma ortodoxia sempre à escuta, de todos os lados à escuta.”

Não é este o lado de Eunice Muñoz que se encontra no retrato aos 80 anos de carreira, 93 de vida. Eunice terá dito há uns anos que “por alguma razão eu não casei nunca com um actor, porque me dá muito prazer chegar a casa e não ser mais do teatro. Sempre fiz a minha vida muito dividida entre casa, filhos, sendo uma mulher como tantas. Tenho poucos amigos de teatro, ao longo destes 62 ou 63 anos, porque é uma coisa que me cansa, não sei explicar porquê.” Quando a também actriz Suzana Borges publicou tais palavras no livro-antologia de testemunhos *Desavergonhadamente Pessoal* (2005), Eunice talvez não soubesse ainda que teria uma companheira actriz na família. E que faria tanto sentido que havia de querer passar-lhe o testemunho.